



“O mundo também era para nós”: participação feminina no Movimento do Dia do Senhor em Sobral – CE.

Viviane Prado Bezerra¹

Universidade Federal Fluminense – DINTER UFF/URCA

vivianclio@yahoo.com.br

O Movimento do Dia do Senhor surgiu na Diocese de Sobral, Ceará, durante os anos 1960 e manteve sua existência até a década de 1990, atuando em toda zona rural. Foi um movimento de cunho católico vinculado ao projeto de Igreja Popular, que se configurou pós-Concílio Vaticano II. Portanto, nesse Movimento, surgiu espaço para participação de mulheres camponesas que, ao se envolverem nas atividades do Movimento redefiniram sua visão de mundo e sua atuação nas esferas públicas e na vida privada.

O trabalho de organização das camponesas era feito por Maria Alice, religiosa norte americana, em conjunto com Lídia Ferreira, socióloga, ambas integravam a Equipe de Coordenação do Movimento do Dia do Senhor e assumiram a responsabilidade pelo Movimento na diocese de Sobral. Uma vez por ano, Maria Alice e Lídia se encontravam com diversas camponesas no Encontro de Esposas, onde somavam em torno de cem ou mais mulheres oriundas de comunidades da Diocese de Sobral, e por vezes, da Diocese de Itapipoca, Ceará. Os Encontros de Esposas se realizavam no Centro de Treinamento da Diocese de Sobral (CETRESO), localizado na serra da Meruoca, próximo de Sobral.

A mesma metodologia de trabalho utilizada no projeto de formação dos camponeses do Movimento leia-se, reuniões nas comunidades rurais, estímulo à escrita

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense – Dinter UFF/URCA. Atualmente é professora substituta da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

popular com a produção de cartas e relatórios, passou a ser desenvolvida nos *Encontros de Esposas*. Ou seja, as mulheres passaram a escrever muitas cartas para o programa radiofônico do Movimento, *Encontro das Comunidades*, contando das reuniões femininas realizadas nas diversas comunidades que compunham as dioceses de Sobral e de Itapipoca. Em entrevista MacCabe rememora o teor dos temas que norteavam as discussões nos Encontros dessas mulheres, sendo os temas de cunho social e a educação dos filhos muito debatidos.

Os encontros das esposas só era uma vez por ano, porém, tinha uma articulação sobre a pergunta chave porque, como eu disse, tinha meses de preparação e depois meses de leituras de cartas e relatórios. Os relatórios dos encontros das esposas iam para todas as comunidades, aí tinham mais conversas entre as mulheres e as suas comunidades sobre o que acontecia nos encontros das esposas... Não me lembro que tinha este tipo de roteiro não, só para mulheres não, eu acho que a maior parte do tempo as discussões estavam em torno de problemas, problemas sociais que é o que aconteceu nessa época... Agora, estruturado um roteiro durante o ano só para mulheres não, mas as mulheres começaram a produzir livrinhos, produziam sobre educação, a Conceição... a mulher do Abdias... a Fausta. Começaram a produzir livrinhos e estes livrinhos levavam uma coisa diferente do que os homens estavam dizendo. Servia, porque tocavam em como estamos educando nossos filhos, será... acho que foi Conceição que puxou: será que estamos criando nossos meninos para ser machão? Essa discussão foi por muito tempo: como estamos criando nossos filhos?²

Assim, as mulheres do Movimento passavam meses discutindo esse questionamento, reunidas em pequenos grupos comunitários, tanto na diocese de Sobral como na de Itapipoca, bem como, escrevendo assiduamente para o programa radiofônico “Encontro das Comunidades”. Essa escrita dizia do trabalho comunitário que estava sendo realizado, como também, da tomada de posicionamento da mulher que, aos poucos, ia incorporando em seu cotidiano conceitos como participação, libertação e autonomia apreendidos com a prática pedagógica e pastoral vivenciada no Dia do Senhor, e em escala mais reduzida, nos grupos de discussão femininos.

Dos *Encontros de Esposas* participavam, em sua maioria, as esposas dos dirigentes do Dia do Senhor, sendo que algumas, já vinham engajadas no Movimento desde as primeiras reuniões nas comunidades. O diferencial de um grupo de esposas veio pela necessidade de as mulheres discutirem assuntos referentes às próprias questões femininas, Questões delicadas como a opressão dos maridos e as formas de

² Entrevista com Maria Alice MacCabe realizada em 06/06/2009, em Itapipoca – Ce. Arquivo da autora.

libertação da mulher, bem como, a sexualidade feminina marcam os pontos altos das discussões travadas em vários desses encontros.

É muito forte nas narrativas das mulheres o aspecto relacional de gênero, ou seja, elas estão constantemente fazendo comparações entre a “realidade” masculina e a feminina, ressaltando as diferenças culturais que, tradicionalmente, marcaram a criação, a visão de mundo, as lutas de ambos os sexos. Nesse sentido, as mulheres do campo tentavam superar o machismo e o autoritarismo de “seus homens”, o que se evidencia na idéia de que o “homem precisava se libertar da opressão do patrão, enquanto, as mulheres precisavam se libertar tanto da opressão do patrão quanto da dos maridos.”³

De acordo com Rosa Pires, uma das camponesas com forte atuação no Movimento, os *Encontros de Esposas* ajudavam as mulheres a se tornar mais ativas, participativas na comunidade e na relação com os maridos, ao passo que “as mulheres eram assim muito paradas. Elas parece que tinham medo de tudo”. A questão da opressão masculina e da violência simbólica (por vezes física também) aparece na narrativa de Rosa expondo os tipos de “sofrimento” por que as mulheres passavam, pois “tinha mulher que sofria muito até dos maridos e não tinha coragem de butar aquilo pra fora, de dizer o que sentia... As mulher sofria muito mais do que os homem...eu achava assim, tinha homem que era muito machão”.⁴

Com os grupos de esposas, ia-se tentando romper as barreiras dos conflitos de gênero, constituindo um novo contorno para a relação homem-mulher, em que essas mulheres ultrapassavam a fronteira da submissão, passividade e “decidiram que elas tinham que participar e que cobrar também a parte delas”, exigindo respeito e a valorização de seu trabalho.

Palavras-chave: Movimento do Dia do Senhor, Camponesas, trabalho, luta pela terra, autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Viviane Prado. **‘Porque si nós não agir o pudê não sabe si nós isiste no mundo’**: O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). Sobral - CE: Edições ECOA, 2014.

³ Esse pensamento aparece na fala de Rita de Cássia, de Rosa Pires, assim como é referenciado por Maria Alice, ao citar exemplos das questões que apareciam nas cartas comunitárias das mulheres do Dia do Senhor. A entrevista com Rita de Cássia se realizou no dia 01/04/2010 e as entrevistas com Rosa e Maria Alice, ambas no dia 06/06/2009. Arquivo da autora.

⁴ Rosa Pires, entrevista realizada em 06/06/2009. Itapipoca- CE. Arquivo da autora.